

ATA N.º 4/XIII/2024

Sessão Extraordinária

25/04/2024

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano dois mil e vinte e quatro, pelas dez horas, na Praça da República, Moita, realizou-se uma Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal, a fim de se deliberar sobre a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto Único – Sessão Solene Comemorativa do 50º Aniversário do 25 de Abril de 1974

Substituições verificadas e presentes ao plenário da Assembleia Municipal:

- João Fernando da Silva Soeiro foi substituído por Carlos Gualberto da Silva Rodrigues,

Verificação de ausências:

- Após as substituições efetuadas verificou-se a ausência de Ana Isabel Pinto Pereira.

Registaram-se as presenças dos seguintes Membros do Executivo da Câmara Municipal:

Presidente da Câmara Municipal Carlos Edgar Rodrigues Albino e os Vereadores Sara Daniela Rodrigues e Silva, Pedro Miguel Dias Pinhal, António Carlos Pedrosa Pereira, Vivina Maria Semedo Nunes, Anabela da Cruz Ramalho Fidalgo Rosa, Ivo Manuel Pereira Pedaço e João Miguel da Silva Romba.

PERÍODO DA ORDEM DO DIA

Ponto Único – Sessão Solene Comemorativa do 49º Aniversário do 25 de Abril de 1974

A Sessão Solene teve início com as atuações da Banda Musical do Rosário e da Banda Filarmónica da Moita.

Em seguida, teve lugar a primeira atuação do artista Francisco Naia, acompanhando por Ruben Martins à guitarra clássica.

Presidente da Assembleia Municipal, António Duro

«Exmas. Senhoras e Senhores convidados, da mais variada proveniência protocolar, Autoridades policiais, entidades religiosas e civis,

Exmas. Senhoras e Senhores, presidente da Câmara, Vereadores, Deputados Municipais, Presidentes das Juntas e Uniões de Freguesia,

Exmas. Senhoras e Senhores Presidentes das Assembleias de Freguesia e Uniões de Freguesia, Sras. e Srs. Autarcas em geral, Dirigentes do Movimento Associativo e População geral, presente ou que nos segue em casa através das plataformas digitais online.

Muito bom dia, sejam Bem-vindos.

Atinge-se hoje 50 anos desde que, em Portugal, se construiu, como não nos cansamos de celebrar através das palavras de Sophia, ***um país em que os sonhos ganharam vantagem sobre a realidade cinzenta, fechada e censória.***

Um País em que a Democracia e a Liberdade deixaram de ser conceitos estranhos e distantes, assumindo-se Portugal como um país de ambição pela modernidade, democracia, pela integração europeia e em que as escolhas das pessoas, passaram a ser a base das decisões da comunidade.

Celebrar abril, é lembrar os que o fizeram. É festejar a coragem. É comemorar a valentia daqueles que colocaram a esperança e o sonho coletivo em primeiro lugar. Celebrar abril é lembrar, celebrar, homenagear, mas é também reforçar, aprofundar e ampliar.

O legado de Abril é incontestável. Logo à partida pelo carácter pacífico e original da Revolução dos Cravos. Depois, por termos consolidado uma Democracia sustentada numa Constituição avançada, em eleições livres e em instituições autónomas. Em terceiro lugar, por uma integração na União Europeia bem-sucedida, junto de parceiros democráticos e cooperantes. Finalmente, pela melhoria acentuada da qualidade de vida da generalidade da população, designadamente na Educação e na Saúde.

Mas nada está garantido. Vivemos, à escala global, num contexto de incertezas, e perplexidades e devemos, por isso, mantermo-nos vigilantes e exigentes, cada vez mais ativos civicamente, sempre movidos pelo bem comum, sem egoísmos pessoais ou nacionais.

Permitam-me que me detenha com mais pormenor nos perigos para a democracia – essa permanente construção -, que representam os populismos e os regimes autocráticos. A ameaça alimenta-se de três alterações profundas.

Em primeiro lugar, a crise financeira, com a inflação, e a estagnação económica que levaram a um aumento da desigualdade de rendimentos e que provocaram descontentamento nos trabalhadores e na classe média.

Em segundo lugar, houve uma intensificação dos movimentos migratórios que fez aumentar a revolta contra os recém-chegados, o medo do outro, a xenofobia e o racismo. Em terceiro lugar, as redes sociais também estão a contribuir para a crise da Democracia, ao darem voz e palco a partidos e líderes populistas que prometem aquilo que as pessoas gostam de ouvir, mesmo que seja irrealizável ou até mesmo atentatório aos mais elementares direitos humanos.

Contra esta mistura explosiva, é urgente que os políticos eleitos travem o nacionalismo, inovem na economia e combatam as desigualdades sociais. Assim como é premente que cada cidadão reforce a sua fé cívica nos princípios da Igualdade e da Fraternidade e que todos lutemos, corajosamente em liberdade, pelas nossas convicções e por uma sociedade mais justa e mais ética.

Caras Senhoras e caros Senhores,

Neste dia, permitam-me que recorde, e cite, um dos grandes lutadores pela liberdade e um dos maiores poetas contemporâneos, Manuel Alegre.

***“Foram dias foram anos a esperar por um só dia.
Alegrias. Desenganos. Foi o tempo que doía
Com seus riscos e seus danos. Foi a noite e foi o dia
Na esperança de um só dia.”.***

Para terminar, permitam-me que me dirija agora ao Poder Local, de que tenho a honra de fazer parte há já 35 anos intervalados.

Quero deixar neste dia de Celebração dos 50 Anos de Abril, uma palavra de sentido agradecimento e homenagem aos homens e mulheres que desde a Comissão Administrativa fizeram acontecer o poder local neste concelho nestes 50 anos, independentemente das diferenças ideológicas que nos distinguem, e em que é muito maior o que nos une, que aquilo que nos possa separar. Princípio a relevar sempre. E assim quero, nos nomes dos presidentes de câmara e de assembleia municipal democraticamente eleitos neste concelho, e que vou passar a enumerar, homenagear e agradecer a todos os autarcas municipais e de freguesia do nosso concelho que deram ou dão muito de si pelos outros, as nossas populações!

Staline Rodrigues, Fernando Madeira, José Brito Apolónia, José Luís Pereira, João José de Almeida, Fernanda Gaspar, José Manuel Fernandes, Joaquim Gonçalves, João Lobo, Rui Garcia e Carlos Albino.

Saibamos passar às gerações pós 25 de abril o amplo significado da revolução e, sobretudo, sejamos capazes de pôr no presente as lutas sempre inacabadas pela liberdade, pela justiça e pela igualdade.

Viva a Paz. Viva a Liberdade. Viva o 25 de Abril.»

Em seguida, foi dada a palavra aos jovens do concelho da Moita, que proferiram as intervenções infra.

Aluno representante do Agrupamento de Escolas Fragata do Tejo, Gustavo Mota

“Bom dia, sou o Gustavo, tenho 12 anos, e hoje venho aqui representar a escola Fragata do Tejo.

Hoje, no âmbito das comemorações do cinquentenário do 25 de Abril, não podemos deixar de refletir sobre o presente e o futuro de Portugal.

Como jovem desta nação, trago comigo aspirações e preocupações palpáveis, guiado pelo desejo de construir um futuro próspero, equilibrado e sustentável para todos nós, em defesa de uma democracia robusta que honre os ideais que inspiraram a Revolução dos Cravos.

Primeiramente, é imperativo reconhecer o progresso alcançado desde o 25 de Abril de 1974. A liberdade, a igualdade e a justiça social tornaram-se pilares fundamentais da nossa sociedade.

No entanto, não podemos ignorar as ameaças que persistem e os desafios que enfrentamos, a desigualdade económica, a exclusão social, a degradação ambiental e o enfraquecimento das instituições democráticas, são realidades que não podemos negligenciar.

Como jovem, olho para o futuro com esperança, mas também com uma responsabilidade imensa. Nós, a juventude de Portugal, que somos os arquitetos do amanhã, devemos assumir o compromisso de moldar uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável, o que implica uma visão clara e a tomada de ações concretas para enfrentar os desafios que se apresentam.

Em primeiro lugar, devemos colocar a justiça social no centro das nossas políticas e práticas. Devemos trabalhar, incansavelmente, para erradicar a desigualdade económica, garantir acesso equitativo à educação, à saúde, à habitação e oportunidades de emprego digno para todos os cidadãos.

Além disso, é fundamental adotar medidas ambiciosas para proteger o nosso ambiente e promover a sustentabilidade. A crise climática é uma realidade inegável que exige uma resposta urgente e determinada. Devemos investir em energias renováveis, promover práticas agrícolas sustentáveis e proteger os nossos recursos naturais para as gerações futuras. A transição para uma economia verde não é apenas uma necessidade, mas uma oportunidade para impulsionar a inovação, criar empregos e garantir um futuro próspero para todos.

Nós, jovens, devemos também estar vigilantes e ativos na defesa da democracia, que não deve ser encarada como um dado adquirido, mas sim como uma conquista contínua que requer o compromisso de todos os cidadãos.

Devemos combater a corrupção, fortalecer as instituições democráticas e promover a participação cívica, especialmente entre os jovens. A nossa democracia só será verdadeiramente robusta quando todos os cidadãos sentirem representados, respeitados e capacitados a contribuir para o bem comum.

O futuro de Portugal está nas nossas mãos, temos o poder e o dever de construir uma sociedade mais justa, equilibrada e sustentável. Devemos aprender com os erros do passado, inspirar-nos nos sucessos alcançados e enfrentar os desafios do presente, com coragem e determinação.

Que o espírito do 25 de Abril nos guie nesta jornada, rumo a um futuro mais promissor para todos.

Viva Portugal!"

Alunas representantes do Parlamento dos Jovens do Agrupamento de Escolas D, João I, Maira Furtado e Waldany Fernandes

"Bom dia, chamo-me Waldany Fernandes, tenho 13 anos, sou da D, João I e sou do 8º B.

Bom dia, o meu nome é Maira Furtado, sou da D. João I e também sou do 8ºB.

O 25 de Abril refere-se a um evento histórico que ocorreu em Portugal em 1974.

Foi um golpe militar que marcou o fim do regime ditatorial do Estado Novo, liderado por António de Oliveira Salazar e, posteriormente, por Marcelo Caetano.

Naquela data, um grupo de portugueses, conhecido como Movimento das Forças Armadas, MFA, liderou uma revolta contra o governo autoritário. Os objetivos principais do movimento eram restaurar a democracia em Portugal e pôr fim à guerra colonial em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

O 25 de Abril teve um impacto significativo nos países africanos que estavam envolvidos em guerras de independência ou contra o domínio colonial português.

Algumas das principais melhorias que o 25 de Abril trouxe a esses países foram independência, fim da guerra, reconstrução, desenvolvimento e cooperação regional.

A Revolução dos Cravos marcou o início de uma nova era em Portugal. O país passou por uma série de revoltas políticas, económicas e sociais, incluindo a promulgação de uma nova Constituição e a realização de eleições democráticas.

O 25 de Abril é um marco importante na história de Portugal, sendo celebrado como um feriado nacional para comemorar a conquista da liberdade e a restauração da democracia.

Completa-se, hoje, 50 anos da revolução que mudou o nosso país, por isso, hoje e sempre em liberdade, viva o 25 de Abril!”

Alunas representantes do Parlamento dos Jovens do Agrupamento de Escolas da Moita, Catarina Gil e Joana Macieira da Escola Secundária da Moita

«Bom dia, o meu nome é Catarina Gil, e eu sou a Joana Macieira, e nós somos alunas do 11º ano da Escola Secundária da Moita.

Porque a palavra é uma arma, e pode ser usada tanto em discurso como na literatura, hoje nós trazemo-la em poesia como resultado das muitas atividades que realizamos ao longo deste ano letivo, e que nos possibilitaram revisitar na história este momento tão marcante para a nossa sociedade, que foi o 25 de Abril de 1974.

Marco histórico que nós, enquanto jovens que somos, não vivemos, mas no contexto do projeto Parlamento dos Jovens, este ano pudemos perceber, com os filmes, documentários e também nas conversas que foram partilhadas por gente que o viveu.

Tivemos também um deputado da Assembleia da República na nossa escola, para percebermos o que se faz hoje na política para que se concretizem os ideais de abril. Liberdade, igualdade e fraternidade. E, voltamos à poesia feita por nós e familiares sobre este dia tão esperado, partilhando o primeiro poema de um familiar que viveu o 25 de Abril de 1974 e que hoje já tem 68 anos. Eu vou ler, pois esse poema foi escrito pela minha avó, Maria Cecília Almeida:

“25 de Abril sempre
Foi num Abril que já vai longe
Tudo parece esquecido
Será que o povo não lembra
Tudo o que havia sofrido
Alguns parecem esquecer
Ou não querem recordar
Que temos de dar as mãos
Para o mundo enfrentar
Unirmos forças sem fim
E não parar de lutar
Contra a guerra e contra a fome
Contra o racismo, pois então
Não seremos todos seres
Não seremos todos irmãos
Mais eleições hão de vir
Vamos votar outra vez
O povo é que tem a força
O povo é que é português

Disso não há menor dúvida
Liberdade sem igual
Queremos vida melhor
Neste nosso Portugal”

E por fim, a nossa visão de jovens, de entre muitos dos poemas que foram feitos por nós e que estão em exposição na nossa escola, vou ler o meu poema que escrevi:

“Muitos foram aqueles presos pela PIDE
Muita tortura e diversos dias de solidão
Não se podia libertar o pensamento
Nem colocar as palavras num livro
Tudo o que desse aquele contentamento
Tirar-te-iam da mão
Riscar, assinalar, meter medo à população
O que sair da tua boca será pecado
Fecha-te a quatro copas enquanto podes
Enquanto não se viu o cravo
Liberdade era um desejo bonito
Que nem a todos agradou
Muitos por ela lutaram
A quem, mais tarde, a lágrima caiu
Pois não acreditavam na verdade
Até que Zeca Afonso se ouviu
Não era preciso muito para a alegria trazer
A esperança de viver, tanto por dizer
Tantos livros novos por ler
E um novo caminho começou
Hoje em dia lutaremos por mais anos iguais
não deixar cair o poder na mão dos fascistas
pois se desistes vão-nos fazer de novo iscas”»

Aluna representante da Assembleia de Jovens da Escola Técnica Profissional da Moita, Esmeralda Tati

“Bom dia a todos, sou Esmeralda Tati, aluna da Escola Técnica Profissional da Moita, e representante da Assembleia dos Alunos.

Estamos aqui presentes a comemorar o dia da liberdade, o dia em que o nosso país mudou completamente, criando uma história que é orgulhosamente partilhada ainda por nossos avós, mas o que significa, na verdade, este dia?

O dia 25 de Abril de 1974 teve um impacto significativo nas escolas portuguesas, onde os jovens desempenharam um papel importante na luta contra o regime autoritário das escolas, o Estado Novo, e na promoção da democracia e da liberdade.

Com a chegada da democracia após o 25 de Abril, as escolas portuguesas foram transformadas. As escolas profissionais têm introduzido um novo currículo, mais aberto, que valoriza o pensamento crítico e liberdade de expressão. As escolas também foram abertas às novas ideias, influências culturais que permitiu aos jovens portugueses terem acesso a uma educação mais ampla, diversificada.

Nós também tivemos a oportunidade de nos envolver em atividades políticas e civis, tais como a formação de grupos de estudantes, a Associação de Estudantes, eu Esmeralda, como membro da Assembleia da Escola Técnica Profissional da Moita, assim como também os meus colegas, temos tido a oportunidade de participar ativamente na vida escolar e no município da Moita, e assim contribuir, ou construir, para a melhoria do sistema educativo.

Hoje, na comemoração dos 50 anos, a Revolução é lembrada nas escolas portuguesas como um momento histórico significativo na história do país, e é celebrado com atividades e eventos educacionais que destacam a importância da liberdade e da democracia.

Nós, como alunos da Escola Técnica Profissional da Moita, viemos salientar como esse acontecimento é um marco para todos nós, dando-nos voz nas sociedades.

A educação é fundamental para o desenvolvimento de habilidades fundamentais, e é o principal fator que leva a uma vida melhor e mais próspera. Através da educação e participação na sociedade, seremos capazes de alcançar os nossos sonhos e metas e fazer a diferença nas comunidades.

Para nós, os jovens, acreditamos que um valor essencial é igualdade e todos merecem as mesmas oportunidades, independentemente, da sua origem social, etnia ou religiões.

É importante que lutemos contra as formas de discriminação e trabalhem para construir uma sociedade mais justa e inclusiva. A responsabilidade social também é um fator crucial para o futuro, isto significa que cada um de nós tem a responsabilidade de agir com consideração em relação aos outros e ao meio ambiente. Devemos ser conscientes em nossas ações e do impacto que elas têm em sociedade e no mundo ao nosso redor.

Além disso, a resiliência e empatia, são valores fundamentais para entender e respeitar as perspectivas e preferências dos outros, e que nos ajudemos a construir pontes e a promover a harmonia e compreensão entre as pessoas.

Precisamos trabalhar juntos para promover a educação, igualdade, responsabilidade social, a resiliência e a empatia. É importante aprender a superar obstáculos e lidar com adversidades, porque o 25 de Abril ensinou-nos que somos capazes de vencer todo o tipo de regime autoritário, opressão e outros obstáculos.

Se todos nós trabalharmos juntos para cultivar esses valores, podemos criar um futuro melhor e mais promissor para todos os jovens.

Vamos continuar a trabalhar juntos para construir uma sociedade mais forte e mais unida.

Viva ao 25 de Abril!

Viva a liberdade!

Viva os jovens!

E que Deus abençoe a nossa nação.”

Alunos representantes do Parlamento dos Jovens do Agrupamento de Escolas José Afonso, Diogo Raminhos e Bernardo Soares

«Chamo-me Diogo Raminhos e venho em representação da Escola José Afonso em Alhos Vedros.

Quero agradecer o convite e a partilha com todos vós destes 50 anos do 25 de Abril.

Neste dia tão especial, vou declamar uma poesia da minha autoria, cujo título é “Hoje sou livre”:

Hoje sou livre
De dizer o que estou a pensar
De escolher onde vou
De partir ou de ficar
Devo isso a quem lutou
Sem deixar de acreditar
A quem a vida arriscou
Sem hesitar
A um povo que se uniu
Numa canção
A uma flor vermelha
Que impediu a munição
Na minha escola José Afonso
Construo o meu caminho
Com dedicação
Aprende novos saberes
E a ser um bom cidadão
Como diria o Zeca
A motivar alguém
Amigo maior que o pensamento
Não percas tempo com o vento
É meu amigo também
Moita, terra de força e coragem
De cultura e tradições
Abençoada por nossa Senhora da Boa Viagem
Que enche de alegria os nossos corações
Que os heróis de Abril
Sejam sempre lembrados
Com todo o nosso orgulho e saudade
Viva o 25 de Abril!
Viva a liberdade!”

Olá, o meu nome é Bernardo Soares, venho em nome da Escola José Afonso e venho falar sobre o tema do 25 de Abril.

O 25 de Abril de 1974 foi o dia que nos trouxe a liberdade, e até dá para comparar o antes com o agora. Antigamente, não podíamos dar opinião, não podíamos falar.

Antigamente, nós não podíamos estar aqui todos juntos, a dar a nossa opinião, a falar sobre a liberdade, porque não havia liberdade, e agora podemos.

Eu, uma criança com 11 anos, não podia estar aqui, e agora posso. E quem também contribuiu foi o patrono da nossa escola, chamado José Afonso ou mais conhecido como Zeca Afonso, e uma das músicas dele e que também contribuiu, foi a “Grândola, Vila Morena” (que interpretou de seguida):

“Grândola, vila morena
Terra da fraternidade

O povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade
Dentro de ti, ó cidade
O povo é quem mais ordena
Em cada rosto igualdade
Grândola, vila morena”

Via o 25 de Abril!
Viva a liberdade!»

Neste momento, houve lugar, novamente, a uma atuação do artista Francisco Naia, acompanhado por Ruben Martins à guitarra clássica.

Em seguida, foi dada a palavra a um representante de cada força política com assento na Assembleia Municipal.

Deputado Municipal Independente Bruno Mendes

«Sr. Presidente da Assembleia Municipal, na sua pessoa cumprimento todos os presentes nesta sessão solene de comemoração dos 50 anos do 25 de abril, bem como todos aqueles que nos acompanham através dos meios digitais

"Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado: os Estados sociais, os corporativos e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos! De maneira que, quem quiser vir comigo, vamos para Lisboa e acabamos com isto. Quem for voluntário, sai e forma. Quem não quiser sair, fica aqui!"

Estas foram as palavras proferidas pelo capitão de abril, Salgueiro Maia, na madrugada de 25 de abril de 1974, e, depois de proferidas, os 240 homens que se encontravam na parada da antiga escola prática de cavalaria, em Santarém, onde também eu, muito orgulhosamente já formei, marchei e prestei serviço, enquanto militar, cederam ao carisma de Salgueiro Maia e formaram de imediato à sua frente, voluntariando-se, deste modo a acompanhar o bravo capitão de abril, em direção a Lisboa.

Hoje comemoramos os 50 anos desta data, nunca devendo esquecer as razões por que lutaram aqueles valorosos soldados, nomeadamente pela nossa identidade, questionando-me, ainda assim, se algumas das coisas que se passam na atualidade fariam parte dos seus objetivos iniciais, nomeadamente a apropriação desta data por alguns, quando esta data pertence a todos, todos, todos (parafraseando o Papa Francisco).

Portanto sim, esta data é pertença de todos, pois nessa data todos, sem exceção ganharam uma voz para discordar livremente, todos ganharam uma liberdade de expressão e informação que, até então era diminuta ou ausente, esta vitória é apenas possível graças a estes bravos soldados, não sendo esta proveniente ou que se deva a qualquer espectro político, é a estes que devemos a fundação da democracia no nosso país e é esta data que devolve ao povo a soberania e a liberdade.

O Manifesto dos Capitães demonstrava de forma clara a urgência no fim da guerra colonial e uma solução negociada para a independência dos povos africanos, desmantelamento do regime e a implantação de uma democracia de tipo ocidental, prestígio das forças armadas e o fim do isolamento de Portugal.

Nas palavras do Exmo. Sr. presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, o 25 de abril é algo em constante mutação, tratando-se de um desafio permanente, já que o mundo mudou, sendo legítimo considerar que se encontre atualmente uma parte realizada e outra por realizar.

Naquilo que permanece por realizar, o reconhecimento do 25 de novembro de 1975 é algo que merece ser salientado, pois, perante diversas ameaças à intenção original do 25 de abril de 1974, nomeadamente a intenção democrática, o 25 de novembro vem reassumir esse compromisso original, inclusive, nas palavras do General Ramalho Eanes, separar estas duas datas é cometer um erro histórico e os erros históricos nunca são convenientes, ao invés, se a história for apresentada na sua totalidade, permite-nos evitar erros que foram cometidos no passado.

Portanto, o apelo que faço é que se conte esta história, na sua totalidade, de como se atingiu a liberdade no nosso país, pois esta história é de todos quantos já não se encontram entre nós, aqueles que se encontram vivos atualmente, bem como daqueles que estão por nascer, devemos isso aos adultos de amanhã, para que, daqui a precisamente 50 anos, voltem esses mesmos adultos a estar presentes neste mesmo local a recordar e comemorar, numa liberdade e democracia ainda mais reforçada, os 100 anos da liberdade.

Viva a liberdade

Viva as nossas Forças Armadas

Viva Portugal»

Deputada Isilda Letras em nome do Grupo Municipal do CDS

«Excelente Bom dia a todos!

Senhor Presidente da Assembleia Municipal;

Senhoras e Senhores Deputados Municipais;

Senhor Presidente da Câmara Municipal;

Senhoras e Senhores Vereadores;

Digníssimos Convidados;

Minhas Senhoras e Meus Senhores, presentes e que nos ouvem através de meios alternativos;

Os meus melhores cumprimentos

Decorridos **50 Anos**, hoje estamos aqui, para comemorar, com o mesmo empenho e vigor Democrático, o acontecimento mais importante da nossa história recente, o **25 de Abril de 1974**.

O 25 de Abril abriu as portas da “**LIBERDADE**”, permitindo viver em **DEMOCRACIA**.

Esta cerimónia deve ser hoje e sempre a homenagem a um ideal universal, a “**LIBERDADE**”.

Prestar homenagem à “**LIBERDADE**”, é dar a máxima importância a um valor que nunca podemos considerar definitivamente adquirido.

Mas, o **25 de Abril** traduz outro momento Histórico assinalável:

Podemos comemorar hoje e aqui, a data que nos congrega, sabendo viver há mais tempo em **DEMOCRACIA** e **LIBERDADE** do que estivemos em ditadura do Estado Novo, subjugados ao medo, Censura, tortura e em muitos casos à carcere.

O legado de **Abril** é incontestável e inalienável. Logo à partida pelo seu carácter pacífico da originalidade dos **Cravos**, a “**Revolução dos Cravos**”. Permitiu consolidar todas as eleições livres que vivenciamos até hoje.

Comemorar **Abril**, é homenagear de uma forma genuína, todos os conhecidos e anónimos, que de forma heroica arriscaram o seu futuro e, em alguns casos, a sua própria vida; ou seja, defendendo sempre os valores que, eles, heroicamente nos ofereceram. Permitindo, que todos os Portugueses possam viver a **DEMOCRACIA**, com a **LIBERDADE** de pensar, participar e discordar.

Se para alguns de nós a “**Revolução dos Cravos**” é uma memória bem presente e intensamente vivida, a verdade é que para a maioria dos **Portugueses** ela já é apenas mais uma data histórica ocorrida antes do seu nascimento.

Todos merecem que saibamos construir o **PORTUGAL** com que eles sonharam e, pelo qual, tudo arriscaram. Porque é esse o Portugal que quero! O **PORTUGAL** que vale a pena.

Comemorar **Abril** é fazer melhor, é ter a ambição de ir mais longe, é ser capaz de antecipar o futuro e com **TODOS, TODOS**, fazer com que o desenvolvimento aconteça.

Comemorar **Abril**, é ser capaz de conjugar a pluralidade de visões diferentes, de ter capacidade de diálogo, de perceber o outro, sem nunca esquecer que é no confronto **Democrático** de opiniões diversas, que com o respeito de **TODOS** e para com **TODOS**, com a coragem e com vigor, procedamos às renovações que os sonhos de **Abril** nos dão, a responsabilidade de continuar.

Decorridos **50 Anos de Abril**, os **Portugueses**, legitimamente, esperam dos seus representantes, exemplos de ética exigente, de responsabilidade, de coragem de reformar e aperfeiçoar o que está menos bem, e finalmente a capacidade de implementação de forma célere e eficaz.

Se queremos um **PORTUGAL** virado para o futuro, que não nos atrasa cada vez mais na escala da **EUROPA**, teremos que ter a coragem e a resiliência aliadas à capacidade de fazer diferente, atuando coerentemente sobre a raiz das causas dos nossos problemas.

Problemas estes que se arrastam e que carecem de equidade, ponderação sensível e reestruturação célere, nomeadamente:

- **Na Justiça**, reestruturar por forma a evitar o colapso da credibilidade do sistema Judicial. É necessário fazer sentir na sociedade transparência, celeridade e eficácia;
- **Na Saúde**, robustecer o Serviço Nacional de Saúde – SNS, com melhores condições e meios humanos e de equipamentos, permitindo que cada cidadão tenha acesso na hora a cuidados de Saúde. Pois a nossa Saúde é o nosso maior bem essencial;
- **Na Educação**, fortalecendo o ensino público de meios humanos, para que nenhum jovem fique para trás, pois um País sem educação é um País pobre;
- **Na Solidariedade Social**, alocar verbas para evitar que:
 - centenas de portugueses, alguns deles sem abrigo, vivam no limiar da pobreza;
 - centenas de pensionistas com reformas muito baixas não vivam o drama constante de não conseguir fazer face à alimentação, aos medicamentos e muito menos terem acesso a lares;
 - centenas de crianças em risco – devido a condições socioeconómicas do País, vejam comprometido o seu futuro;

- centenas de portugueses sem emprego – muitos de meia idade, fiquem sem condições monetárias de fazer face a despesas com habitação e de proporcionar, quer a si próprios quer à sua família uma estabilidade digna.
- **Na Segurança**, reformar a autoridade das “Forças de Segurança” cuja missão é proteger a segurança de cada um de nós;
- **Na Economia**, adotar medidas que:
 - promovam o aumento generalizado de salários de forma significativa – quer por redução de impostos, quer por aumento das partes empresariais;
 - promovam o emprego, não esquecendo os Portugueses de meia idade;
 - acabem com os empregos precários e salários baixos;
 - valorizem os jovens e menos jovens – muitos com licenciaturas, mestrados e doutoramentos, para que sejam um contributo ativo no desenvolvimento do nosso País, e que não sintam a necessidade de emigrar, procurando uma sociedade que os valorize;
 - garantam a sustentabilidade das empresas, não descurando o reinvestimento em meios materiais, humanos e de formação.

Comemorar **Abril**, também exige uma reflexão ponderada sobre situações difíceis e de enormes desafios, nomeadamente:

- a maior e mais recente crise sanitária e humanitária global do nosso tempo - a pandemia de COVID-19;
- a crise económica e financeira, agravada pela calamidade da guerra proveniente da invasão da Ucrânia pela Rússia;
- a instabilidade no médio Oriente desencadeada pelo ataque do HAMAS em Israel, provocando um sofrimento atroz à população da Faixa de Gaza na Palestina, e também por outros focos de conflito a nível Mundial que merecem igualmente a nossa especial atenção.

Por todos estes factos e outros, que implicam as consequências que estamos a vivenciar, assim como a imprevisibilidade latente, que nos deixa a preocupação do seu crescente alastramento de consequências pelo mundo.

Comemorar **Abril**, urge também, agilizar medidas de combate e prevenção das alterações climáticas, pois só existe um **Planeta Terra** e é pertença de todos nós.

Com tudo os **Portugueses**, legitimamente, esperam dos seus representantes, uma **ética** exigente e responsável, e que tenham a capacidade de implementar com eficácia, rapidez e celeridade todas as medidas e outras que possam surgir, para que **Abril** seja Melhorado, Reforçado e Renovado.

Nada é definitivo, pois com determinação coragem e resiliência, **TODOS** e **TODOS** iremos superar as dificuldades. Pois, a eficácia da **DEMOCRACIA** e da **LIBERDADE** permitirá a **PORTUGAL** ser capaz, como sempre o foi ao longo da sua HISTÓRIA.

É urgente uma vontade popular, constante e firme, para que a **DEMOCRACIA** e a **LIBERDADE**, um poder e um dever de **TODOS**, seja uma realidade constante que viva sempre.

Sejamos coragem, renovação, vigor e mudança nas palavras e nos gestos, nas frases e nas ações.

Para que a **LIBERDADE** e a **DEMOCRACIA**, para as quais o **25 de Abril** abriu os caminhos fundamentais que prosseguimos até hoje, vivam sempre.

Façamos com **Abril**, o que todos os sonhos fazem com ambição.

Para que o sonho do **25 de Abril** viva sempre!

Viva a LIBERDADE!

Viva a DEMOCRACIA!

Viva, não menos do que isso, PORTUGAL!

Viva Abril!»

Deputado Elvis de Freitas em nome do Grupo Municipal do PSD

«Sr. Presidente da Assembleia Municipal da Moita

Sr. Presidente da Câmara Municipal da Moita

Srs. Presidentes das Juntas de Freguesia

Senhores Deputados Municipais

Senhores Convidados, Caros Municípes

Assinala-se hoje o cinquentenário do início do movimento que nos permite a sua comemoração em plena liberdade, sem constrangimentos nem receios, em segurança e em paz.

Portugal transformou-se nos últimos 50 anos, passando de um país de frente para o mar e para as províncias ultramarinas, de costas para a Europa, fechado em si mesmo com o trauma da pequenez, para um país com um vincado cunho europeísta e atlantista, contribuinte e beneficiário da União Europeia, cujos projetos moldaram o passado recente e se repercutem no futuro próximo e, esperemos, distante. Tal se deve a todos os que acreditaram que o lugar de Portugal é na Europa e com a Europa, sem esquecer os parceiros da CPLP.

Portugal é hoje um país moderno, pluricultural e plurirracial, sem barreiras políticas, religiosas, raciais ou de género. De país de emigrantes em massa nos anos sessenta e setenta do século XX, Portugal, por força do seu desenvolvimento e da globalização da economia, tornou-se destino para milhares de imigrantes que asseguram o funcionamento de serviços básicos na sociedade portuguesa, bem como em setores altamente qualificados, contribuindo todos para o desenvolvimento da economia e da sociedade portuguesa.

Contudo, apesar dos enormes avanços, podemos sentir insegurança quanto ao futuro dos nossos jovens porque, 50 anos após o 25 de abril de 1974, tanto permanece por concretizar.

Impõe-se realizar:

a reforma do sistema político, que afaste a sombra da corrupção, assim como a criação de um sistema eleitoral aprimorado que promova uma representação mais equitativa e proporcional no Parlamento e não desperdice votos, bem como o fortalecimento dos mecanismos de prestação de contas e transparência dos partidos políticos;

a reforma da justiça, com a modernização tecnológica e digitalização do sistema jurídico, para que não continuem a prescrever as acusações, fruto de mecanismos de retardamento, bem como o desenvolvimento de meios alternativos de resolução de conflitos que tornem mais célere o processo judicial;

a reforma da economia, com a promoção da digitalização e da desburocratização, a redução da carga tributária sobre as empresas, a redução da carga fiscal que sufoca a classe média, tão fragilizada por anos de taxas agravadas e pela recente crise inflacionária. Impõe-se a promoção da transparência e

clarificação do modelo de investimento público, que defina a pertinência de concretizar empreendimentos estruturantes como o aeroporto, há cinquenta anos, precisamente, em estudo;

a reforma dos transportes, com mais investimento em infraestruturas e a modernização e expansão da rede ferroviária, rodoviária e de transporte público, melhorando a conectividade e a eficiência do sistema para que as zonas periféricas se aproximem mais rapidamente dos centros urbanos;

a reforma da saúde, visando melhorar a qualidade, acessibilidade e eficiência dos serviços, com o reforço do financiamento e gestão do Sistema Nacional de Saúde, para que o SNS não seja o parente pobre e para os pobres. Urge promover a expansão da cobertura de unidades locais de saúde, o aumento do número de profissionais, como médicos de família, enfermeiros e outros profissionais de saúde, bem como o desenvolvimento de serviços de cuidados comunitários;

a reforma da educação, com a reposição dos direitos usurpados aos professores e a pacificação do sistema, para que forme jovens aptos para enfrentar os desafios do futuro, pois apenas uma força de trabalho qualificada é capaz de impulsionar a inovação, a produtividade e a competitividade de longo prazo da economia portuguesa;

a reforma do ambiente, com a transição para energias renováveis e a descarbonização da economia, assim como a conservação da biodiversidade e proteção dos ecossistemas naturais para que possamos garantir qualidade de vida para as gerações vindouras.

E, mais que tudo o resto, é preciso definir uma estratégia clara e sólida para o lugar de Portugal no Mundo, numa época de corrida aos armamentos e de instabilidade global provocada por estados extremistas e imperialistas.

Pese embora vivamos com a liberdade que o 25 de abril concretizou e que a todos por igual dá voz, ouve-se agora, sem a vergonha de antes, alguns assumirem-se pública e despudoradamente **fascistas**, ainda que, quiçá, essa assunção se funde na ignorância que tal afirmação acarreta do ponto de vista dos direitos humanos, políticos e sociais que o fascismo demonstrou aniquilar, mas a ignorância histórica é como a ignorância da lei, não aproveita a ninguém, antes confunde os menos esclarecidos.

Permitam-me que cite Miguel Veiga, fundador do PSD, que recordou que *“A democracia é de uma magnífica fragilidade. Cuidemos dela com a devoção que a sua magnificência e fragilidade exigem”*.

Urge que o nosso país reforce o esforço para manter e fortalecer a democracia, reconhecendo a sua importância e a sua vulnerabilidade, não deixando que alguns tentem apoderar-se dela com gestos e retórica retrógrados e revanchistas que ofendem a dignidade democrática.

Viva o 25 de abril de 1974!

Viva a Liberdade!

Viva a Democracia!

Viva Portugal!»

1º Secretário da Mesa da Assembleia Municipal, António Chora em nome do Grupo Municipal do BE

“Bom dia senhor Presidente da Assembleia Municipal

Na sua pessoa saúdo todos os presentes bem como os que nos estejam a acompanhar à distância.

Antes do 25 de Abril de 1974 vivíamos num país onde imperava o fascismo que, censurava, prendia e matava, fosse na guerra colonial, fosse em manifestações contra o regime ou na defesa dos direitos laborais e sociais.

A 25 de Abril de 1974 teve lugar uma revolução originalmente militar, que, com o contributo do povo, levou ao fim da guerra colonial, repôs as liberdades, a legalização e constituição de partidos políticos, sindicatos e CT's e os consequentes direitos laborais por estes conquistados, bem como à implementação do Poder Local democrático.

No campo laboral conquistou-se o direito às férias e respetivo subsídio, a proibição dos despedimentos sem justa causa, a instituição pela primeira vez do salário mínimo nacional, o direito à contratação coletiva e à greve.

No campo social conquistou-se o direito a cuidados de saúde públicos, acesso à educação e ao ensino obrigatório e gratuito até ao 12º ano.

Hoje, para os que nasceram depois desta data, há a perigosa tendência de dar estes direitos como garantidos, para outros, há a desilusão de governos de esquerda não terem ido tão longe como queriam e isso criou um campo propício ao aparecimento de uma extrema-direita racista e xenófoba, que cultiva o medo, começando a florescer cada vez mais saudosistas de um passado que muitos nem conheceram.

Outros, aparecem agora de cabeça rapada, ou de coelhinhos debaixo do braço e falinhas mansas, a promoverem livros machistas, xenófobos e racistas só comparáveis com as leis dos talibans.

50 anos depois de Abril, os novos e velhos neofascistas continuam a ter na sua génese as famílias dos poderosos de ontem e de hoje que apenas utilizam a democracia para aumentar a exploração sem contestação.

50 anos depois da revolução de Abril vivemos num país completamente diferente do de 74, para melhor, mas muito está ainda por melhorar.

Nomeadamente, no combate à fuga aos impostos, no combate aos lucros astronómicos obtidos à custa dos juros e elevado preço dos bens essenciais, no combate à desigualdade salarial entre homens e mulheres com graves prejuízos para estas, no combate à falta de habitação, à falta de profissionais na segurança pública, das polícias aos bombeiros, dos médicos aos enfermeiros e outros profissionais do SNS, no combate à falta de professores e auxiliares na escola pública, bem como melhorar os seus salários e condições de trabalho.

Só conseguiremos realizar Abril quando concretizarmos tudo isto e revertermos a pobreza das crianças e dos idosos criando as ajudas para isso nomeadamente com aumentos significativos nos abonos de família e nas pensões.

Mas tudo isto só pode ser melhorado com a participação de todos, em todas as esferas da vida civil, do Poder Local ao Poder Central, nas comissões de moradores, nas comissões de utentes, nos sindicatos e nas CT.

50 anos depois dos 25 de Abril, deparamo-nos com guerras genocidas no mundo, nomeadamente na Europa e Médio Oriente, guerras a que é preciso por termo, dando as condições necessárias à ONU para que todos os invasores regressem ao ponto de onde partiram, para que todos os acordos feitos no passado sejam respeitados e para que as diferenças sejam resolvidas num debate entre iguais.

Voltando à nossa celebração, queremos realçar que hoje, e apesar de todas as polémicas anteriores, foi possível comemorar os 50 anos do 25 de Abril com um grande desfile unitário que contou com todas as forças vivas e democráticas do nosso concelho e, cujo simbolismo mostra que quando se trata de

defender a democracia, sabemos, sem esquecer nem esbater as nossas diferenças, lutar pelo Portugal justo, solidário e democrático que todos queremos.

Viva o 25 de Abril
Viva a Democracia
Viva a Paz
Viva Portugal”

Deputado João Figueiredo em nome do Grupo Municipal da CDU

«Sr. Presidente da Assembleia Municipal e restantes Membros
Sr. Presidente da Câmara Municipal e restantes Vereadores
Srs. Presidentes de Juntas de Freguesia e restantes autarcas
Sras. e srs. Munícipes

Permitam-me começar por saudar todos aqueles que tornaram possível, mais uma vez, com o seu empenho e com a sua resistência, fazer mais um magnífico desfile da Liberdade no Concelho da Moita.

Numa altura em que mais de 50% da população portuguesa já nasceu em Liberdade, deixem-me começar esta intervenção citando José Cardoso Pires:

“A cidade apareceu ocupada e radiosa. Deparámos com colunas militares inundadas de sol; e o povo logo a seguir, muito povo, tanto povo que não nos cabia nos olhos”.

E complementar com Manuel António Pina:

“De repente a alegria, um rio deslumbrado e aberto correndo directamente do coração para as ruas.”

Foi a adesão imediata do povo que transformou o levantamento militar numa Revolução, e que, sempre com o envolvimento do povo, viria a mudar o país, mas esse glorioso dia vale por si próprio, e fará parte do património histórico e cultural de Portugal e do povo português para todo o sempre.

Mas, ele é muito mais valioso por tudo aquilo a que terminou e por tudo aquilo a que começou, mas a distância que nos separa, cada vez mais, de 1974, obriga-nos a fazer tudo para impedir que o 25 de Abril caia na pior das armadilhas que podem acontecer a uma qualquer data histórica: tornar-se apenas mais um feriado.

É por isso que, para celebrar Abril é necessária “A emoção de haver povo”, como referia Mário Castrim.

E, celebrar com o povo, é assinalar o seu sentido transformador e revolucionário, é impedir o rasurar da memória colectiva que o envolve, é afirmar o caminho que o tornou possível, é rejeitar as perversões e as falsificações históricas, é denunciar a sua invocação quando o objectivo dessa invocação é amputar o seu sentido mais profundo.

Celebrar Abril é defender os seus valores e as suas referências para um Portugal desenvolvido e soberano, que décadas de política de direita têm contrariado.

Se, antes do 25 de Abril, a ditadura tinha um rosto, um símbolo que personificava tanto o próprio regime como a opressão que o caracterizava, hoje os tiranetes, sejam eles de vão de escada ou maiores que as nações, ocultam-se à vista de todos, fazendo uso de uma frágil máscara que necessita de ser, constantemente, alimentada.

Atribui-se ao fotógrafo e sociólogo Lewis Hine a afirmação de que “as fotografias não mentem, mas os mentirosos fotografam”, e é por isso que a liberdade não sobrevive sem a inquietação, sem a interrogação constante sobre o nós e sobre a sociedade, sobre o papel de cada indivíduo, com toda as suas características e contradições, e sobre o modo como a sociedade permite a cada um o seu pleno desenvolvimento.

É cada vez mais fundamental revisitar a ideia de futuro que os Capitães de Abril projectaram no povo português, como símbolo da renovação da esperança e da motivação para agir sobre o nosso mundo, transformando-o.

É que, para nós, é imperativo que o desenvolvimento económico, o progresso científico e tecnológico, fomentem também o aprofundamento de uma democracia económica, social, política, cultural, assente na liberdade, na igualdade, nas elevadas condições de vida, na cultura, num ambiente ecologicamente equilibrado e num profundo respeito pelo ser humano.

Do dia 25 de Abril de 1974 dizem que começou encoberto mas que terminou luminoso. De então para cá, já se passaram muitos invernos e muitas primaveras, mas estes objetivos continuam plenamente vivos.

Relembremos todos os dias a memória e o legado daqueles que souberam construir consensos e erigir uma Constituição de Abril que consagrou o Poder Local Democrático, do qual hoje estamos aqui como seus representantes.

Honremos o seu exemplo e a sua memória, não sobrepondo a vontade pessoal a consensos construídos entre todas as forças políticas representadas na Assembleia Municipal para celebrar aqueles que antes de nós aqui estiveram.

Não querendo abusar das citações, deixem-me terminar agora citando o cineasta António Pedro Vasconcelos, que nos deixou há muito pouco tempo, e nos disse, em tom de aviso, que “*A democracia é uma flor de estufa*”.

Cuidemos então da nossa democracia todos os dias, com actos, com acções e não apenas com palavras à medida de cada circunstância, como se, um cravo vermelho ao peito, uma vez por ano, mudasse a natureza de algo ou de alguém.

25 DE ABRIL SEMPRE!
FASCISMO NUNCA MAIS!
VIVA O CONCELHO DA MOITA»

Presidente da Junta de Freguesia da Moita, Fabrício Pereira, em nome do Grupo Municipal do PS

“Bom dia a todos!

Um belo e glorioso dia que nos reúne a todos na mais bela praça da Moita para celebrar os 50 anos do 25 de Abril de 1974.

Não estou nesta cerimónia apenas como autarca. Estou nela em nome da Bancada do Partido Socialista na Assembleia Municipal da Moita, facto que muito me honra.

Estou nesta praça como homem profundamente grato aqueles que deram corpo a um dos momentos mais felizes da nossa História enquanto país e que marcou de forma definitiva o nosso destino colectivo.

Também carrego, simbolicamente, comigo as memórias de quantos, antes de mim e de todos nós, lutaram, por vezes pagando um preço demasiado elevado para que o Regime tombasse nessa madrugada de Abril de 1974. E quero abarcar nesta lembrança a memória da Resistência de tantos naturais da Moita, que de forma corajosa fizeram a sua parte nesse trabalho de resistência e luta contra uma Ditadura que terminou faz hoje 50 anos. Obrigado por terem assumido esse papel que contribuiu para o desgaste do que haveria de ruir às mãos dos Capitães de Abril.

Estamos cá igualmente em nome dos nossos filhos e dos nossos netos, que nunca conheceram outra realidade que não a vida em Liberdade, que nunca conheçam outra, mas que é nossa obrigação ensinar a valorizar, porque um dia serão eles a ditar direções e destinos de um país orgulhoso dos seus feitos e dos seus valores.

50 anos depois de 25 de Abril de 1974, embora aos mais velhos pareça ter sido ontem, estamos gratos. Gratos porque se abriram portas que muitos não julgavam ser possíveis algum dia abrir. 50 anos de Democracia que nos alteraram radicalmente a nossa forma de ser e estar, que nos trouxe uma incomensurável alteração no modo de vida enquanto partes de uma sociedade mais justa e mais igual.

50 anos de Democracia que consolidaram algo que nos é muito querido, como o Poder Local Democrático.

O primeiro “andar” de um edifício de democracia que hoje tomamos como garantido e que nem sempre o é. Como todos os outros andares tem de ser zelado. Estar na primeira linha da causa pública como é o caso das Juntas e das Uniões de Juntas não traz consigo uma posição menor, antes pelo contrário.

Orgulho-me de estar ao serviço das gentes da minha terra e ser muitas vezes o primeiro contacto das pessoas com as estruturas democráticas do Poder.

Orgulho-me eu e decerto os meus colegas Presidentes de Junta e membros dos respectivos Executivos, a quem saúdo com apreciação, pois sei bem dos esforços que são necessários para zelar todos os dias do que é de todos, acomodando essa missão nas respectivas vidas profissionais.

É por isso que é preciso instituir uma cultura de serviço público, de respeito pelas Instituições Democráticas que nem sempre é praticada. As fundações destas instituições, de firme enrocamento no solo social, são tão importantes como as demais. São muitas vezes os primeiros passos da vida política activa de muitos portugueses. Guiados pelos valores que há 50 anos que nos trouxeram um belo e glorioso dia, praticamos todos os dias esse mantra sempre presente de uma sociedade mais justa, mais inclusiva e mais solidária.

O 25 de Abril de 1974 continua e continuará vivo no espírito dos que defendem continuamente a Democracia em Portugal. Vigilantes atentos de ameaças populistas, de porta-vozes da desgraça, permaneceremos nos nossos postos e nas nossas vidas pessoais, como herdeiros de Abril. 50 anos, sendo um marco, é apenas e ainda o início de um caminho, que queremos de todos e para todos.

25 de Abril, Sempre!”

Em seguida, foi dada a palavra ao Presidente da Câmara Municipal.

Presidente da Câmara Municipal, Carlos Albino

Sr. Presidente da Assembleia Municipal

Srs. Vereadores e Sras. Vereadoras

Srs. e Sras. Presidentes das Juntas e Uniões de Freguesia

Srs. e Sras. Representantes das Associações e Coletividades do Concelho
Representantes das Forças de Segurança do concelho
Caros convidados

Minhas senhoras e meus senhores,

É com grande emoção que nos encontramos uma vez mais, aqui na rua, para celebrar uma das mais importantes datas na história do nosso país: os 50 anos da Revolução dos Cravos.

Falar de abril é falar de liberdade, de esperança, de coragem, de gratidão. É recordar aqueles que, corajosamente, lutaram pela democracia e pelos valores de igualdade e justiça. É enaltecer os que sacrificaram suas vidas para conquistar a liberdade de que hoje desfrutamos.

Neste dia, há 50 anos, Portugal despertava para uma nova era que mudaria, para sempre, os destinos do país a nível político, social e cultural. Abril testemunhou a liberdade de um povo que vivera, décadas, amordaçado às mãos de um regime autoritário e profundamente opressor.

Após a revolução de 25 de abril de 1974, Portugal testemunhou uma transformação significativa no seu sistema político, especialmente no que diz respeito ao poder local. Com a chegada da democracia, a descentralização do poder tornou-se uma prioridade. A constituição de 1976 estabeleceu as bases para essa descentralização dando autonomia às autarquias locais permitindo aproximar o governo das pessoas.

Ao longo das últimas cinco décadas, o poder local em Portugal foi fortalecido através de várias reformas legislativas e políticas. As autarquias locais ganharam competências alargadas em áreas como educação, saúde, cultura, infraestruturas e desenvolvimento económico, o que permitiu uma maior capacidade de resposta às necessidades específicas de cada região.

Após o 25 de abril, a importância dada ao poder local, trouxe consigo um aumento significativo na participação cívica e política.

As eleições autárquicas tornaram-se momentos determinantes de expressão democrática, onde os cidadãos podem escolher os seus representantes e influenciar diretamente as políticas que afetam as suas comunidades.

Essa afluência às urnas desencadeada pelas eleições livres de 1976 foi, no entanto, esmorecendo com o passar dos anos e os atos eleitorais passaram a ter elevados níveis de abstenção.

Todos sabemos os desafios que o poder local tem enfrentado nos últimos anos. A burocracia excessiva, a disparidade de recursos entre diferentes autarquias e a crescente complexidade dos problemas sociais e económicos, são obstáculos tanto para a governação como para a população. Cabe-nos a nós, autarcas eleitos democraticamente, trabalhar para recuperar a confiança e a esperança que o 25 de abril nos trouxe há 50 anos.

Temos de nos dirigir, cara a cara, a cada criança, a cada jovem, a cada adulto, a cada sénior, com a humildade para reconhecer as nossas falhas, com a confiança para transmitir as nossas ideias e com transparência para garantir que cumprimos plenamente o nosso papel no desenvolvimento sustentável e no bem-estar das nossas comunidades.

O poder local após o 25 de abril representou um avanço importante na consolidação da democracia em Portugal. No entanto, é importante garantir que no centro da governação estão as pessoas e os seus superiores interesses.

Mas, a Revolução dos Cravos não foi apenas uma conquista política. Foi um renascimento cultural, social e económico. Abriram-se as portas à democracia, garantindo-se direitos fundamentais e

liberdades individuais. Reconstruiu-se uma sociedade baseada na justiça e na igualdade, onde cada cidadão conta.

Cinco décadas depois, os valores de Abril continuam vivos e Portugal é, hoje, um país com uma democracia consolidada, com liberdade de expressão, diversidade cultural e consciente dos direitos individuais e coletivos. No entanto, sabemos que todas as conquistas alcançadas com Abril não podem ser dadas como garantidas e isso tem sido notório com o crescer do populismo e algumas das mais recentes posições que indicam um claro retrocesso nos direitos adquiridos desde o 25 de Abril de 1974.

Como disse, a escritora Luísa Ducla Soares, na recente visita que fez à Moita: “o 25 de abril, foi uma porta que se abriu. Para lá da porta, há tudo o resto para fazer. A missão nunca está cumprida”.

É, por isso, necessário e imperativo que permaneçamos vigilantes na defesa da liberdade e que continuemos o caminho até aqui feito, na construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática.

Teremos, todos, por isso, um papel fundamental na defesa e no fortalecimento da democracia, garantindo que os valores democráticos sejam respeitados e mantidos.

Viva o 25 de Abril!

Viva a Liberdade!”

Findas as intervenções, houve lugar a atuação conjunta do artista Francisco Naia, da Banda Musical do Rosário e da Banda Filarmónica da Moita.

Não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a Sessão Solene, eram doze horas do dia vinte e cinco de abril de dois mil e vinte e quatro.

O Presidente

O 1º Secretário

A 2ª Secretária

António Duro

António Chora

Cláudia Fera

As intervenções constantes nesta ata encontram-se devidamente gravadas, em ficheiro mp3, que faz parte integrante da mesma.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MOITA
XIII MANDATO 2021 - 2025
LISTA DE CORRESPONDÊNCIA ENTRADA DE 22.04.2024 A 25.04.2024
EM CONFORMIDADE COM O Nº5 DO ARTIGO 42º DO REGIMENTO

Nº	DATA	REMETENTE	ASSUNTO
047	23-04-2024	Ana Isabel Pinto Pereira	Informa que faltou à 2ª Reunião da Sessão Ordinária de abril, no dia 22.04.2024, por motivos de ordem laboral e familiar